

HISTORIOGRAFIA DA REVOLUÇÃO RUSSA: ANTIGAS E NOVAS ABORDAGENS**

ANGELO SEGRILLO*

RESUMO

O presente artigo visa apresentar um panorama e um balanço historiográfico da literatura sobre a Revolução Russa. Revisitando os autores clássicos, prosseguimos até as principais obras mais recentes, incluindo as que tentativamente parecem marcar novos paradigmas de investigação no período pós-soviético.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Russa; historiografia; União Soviética; Rússia.

ABSTRACT

This article presents an overview of the literature on the Russian Revolution. Starting with the classic approaches, it goes on to the most recent works, including the ones which seem to be setting the trend for new paradigms in this field in the post-Soviet period.

KEYWORDS: *Russian Revolution; historiography; Soviet Union; Russia.*

Os recentes aniversários de vinte anos da queda do Muro de Berlim e de 90 anos da Revolução Russa estimularam vários “balanços” do que representou este processo na história mundial. De especial interesse seria fazer uma análise, agora com um mínimo de “recuo” histórico (cerca de vinte anos), do que representou o fim do socialismo soviético para a literatura sobre a Revolução Russa e que novas tendências historiográficas surgiram neste período pós-URSS. Este artigo pretende, assim, oferecer um panorama e um balanço provisório das principais abordagens sobre a Revolução Russa, desde as clássicas e mais antigas até as recentes tendências “pós-Muro de Berlim”. Devido a problemas de espaço, concentrar-nos-emos nas principais interpretações ocidentais (especialmente anglo-saxãs) e as russas, com incursões ocasionais a autores de outros países. Para os trabalhos ocidentais, utilizaremos uma combinação das classificações taxonômicas de Ronald Suny e Edward Acton; em relação à historiografia soviética/russa, seguiremos Kolonitskii e Zemtsov.¹ Recomendamos aos interessados, consultarem esses originais para um tratamento mais detalhado de alguns dos autores e abordagens que aqui serão citados.

Advertência inicial: o sentido de “Revolução” Russa

Antes de começarmos, é preciso definir como encararemos o desafio epistemológico do conceito de *revolução*. Independentemente de seu caráter “duplo” (de Fevereiro e de Outubro de 1917), o que entendemos como Revolução Russa? Seriam apenas os acontecimentos e processos de 1917? Seria o período até o final da Guerra Civil em 1921? Até o fim da NEP, com o início dos planos quinquenais em 1928 que forjaram a “face definitiva” da URSS? Teria sido o período soviético como um todo, encarado como processo único de uma revolução “abortada”? Para fins do presente trabalho utilizaremos a definição *stricto sensu* da Revolução Russa como o grande *Big Bang* específico de 1917, que tornaria possíveis todos os outros

processos evolutivos posteriores por que passou a URSS em suas diversas fases (a NEP com seu recuo ao capitalismo, o salto na economia estatal com os planos quinquenais, o degelo khrushchevano e o furacão da Perestroika, etc.). Para uma excelente resenha abrangente das diferentes teorias sobre o regime soviético *como um todo*, recomendamos o trabalho de Luís Fernandes.²

Iniciando o panorama: as primeiras leituras sobre a Revolução Russa

Os primeiros textos sobre a Revolução Russa foram, como se poderia imaginar, de cunho jornalístico ou (auto)biográfico de participantes/observadores *in loco* dos acontecimentos. Exemplares do primeiro tipo foram os livros *Ten Days that Shook the World* (Nova York, 1919) do jornalista socialista americano John Reed e *Six Red Months in Russia* (Nova York, 1918) de Louise Bryant. Do segundo tipo seria, por exemplo, *Zapiski o Revolyutsii* [Notas sobre a Revolução] (3 vols. Moscou, 1921) do socialista soviético (crítico dos excessos bolchevistas) Nikolai Sukhanov. O livro de Reed se tornou um clássico da literatura jornalística empática aos revolucionários. Os volumes de Sukhanov, apesar de não tão difundidos no Ocidente, foram o primeiro esforço sistemático memorialista de oferecer um quadro amplo dos acontecimentos do ponto de vista de um *insider* do processo.

Uma enxurrada de escritos memorialistas ou de observações sobre os acontecimentos revolucionários por participantes dos eventos, tanto do lado soviético como de seus inimigos russos, se seguiria ao longo da década de 1920 e períodos vindouros imediatos. Exemplos seriam: *The Catastrophe* (Nova York, 1927) do ex-primeiro ministro (Socialista Revolucionário) do governo provisório, Aleksandr Kerenskii; *Istoriya Vtoroi Russkoi Revolyutsii*. [História da Segunda Revolução Russa] (3 vols. Sofia, 1921-1924) do também ex-ministro do Exterior do partido Cadete no governo provisório e historiador por formação Pavel Miliukov; *The Memoirs of General Wrangel* (Nova York, 1930) e *Ocherki Russkoi Smuty* [Ensaio

sobre a Desordem Russa] (3 vols. Paris, 1921-1923) respectivamente dos generais brancos Petr Wrangel e Anton Denikin.

A grande característica desta primeira leva de escritos é um forte caráter partidário em boa parte dos mesmos. Assim, Wrangel e Denikin atacam os vermelhos como os destruidores dos valores russos tradicionais. Os próprios ex-membros do governo provisório, Miliukov e Kerenskii, defendem suas heranças um contra o outro: Miliukov dizia que a ala mais radical do governo provisório, como os SR (Socialistas Revolucionários) de Kerenskii, por seus experimentos arriscados e mal-sucedidos, abriram caminho aos bolcheviques em Outubro; Kerenskii, por sua vez, criticava a direita moderada de Miliukov por não ter se juntado a ele para resistir à direita do general golpista Kornilov em um episódio que fortaleceu os bolcheviques em seu caminho ao poder.

É importante notar, como Karpovich, que a Revolução Bolchevique, ao contrário de revoluções anteriores, como a Francesa, que demoraram a escrever, ou ter escrita, sua própria história, logo empreendeu esforços sistemáticos para a elaboração de documentos e estudos históricos sobre si, em uma espécie de História do Tempo Presente *avant la lettre*. Desta maneira, mal acabada a Guerra Civil, em 1921, o Istpart, um Comitê de História do partido comunista, inaugurou a *Proletarskaya Revolyutsiya* [Revolução Proletária], uma publicação mensal dedicada à história da Revolução Russa. Similar era *Krasnaya Letopis'* [Anais Vermelhos], publicada a partir de 1922 pela organização do partido comunista em Petrogrado. Os emigrados russos na Europa replicaram a partir de 1921 com o *Arkhiv Russkoi Revolyutsii* [Arquivo da Revolução Russa].³

Contrariando os marxistas soviéticos e Barrington Moore Jr., que chamavam Outubro de 1917 respectivamente de uma revolução proletária ou camponesa, alguns autores a consideram uma revolução da *intelligentsia*, tal o papel importante de intelectuais como Lenin, Trotskii, Bukharin e outros em sua condução. Não sabemos se sociologicamente isso se sustenta, mas em termos de construção histórica o fato de muitos dos participantes serem intelectuais sofisticados levou também ao desenvolvimento de uma espécie

de História Imediata, inclusive com análises teóricas aprofundadas (mostrando ao mesmo tempo as dificuldades e armadilhas de tal empreitada). Pavel Miliukov, já citado, inclusive era historiador de profissão e estava apenas exercendo seu *métier* ao escrever sua história da Revolução, mas mesmo de revolucionários participantes vieram obras como os três volumes da *Istoriya Russkoi Revolyutsii* [História da Revolução Russa](3 vols. Prinkipo, 1930) de Trotskii, onde o autor emprega seus conceitos de revolução permanente e da "lei" do desenvolvimento desigual e combinado para explicar a combinação revolucionária específica russa. Os marxistas tendem a ser "holísticos" em suas análises, combinando elementos econômicos, sociológicos e políticos com uma *Weltanschauung* histórica. Mas a década de 1920 criou sua escola soviética histórica própria, em que pontifica a figura de Pokrovskii. Este foi o historiador bolchevique de maior expressão da época. Além de suas obras mais gerais, em co-autoria ou sozinho, como *Russkaya Istoriya s Drevneishikh Vremen* [História Russa desde os Tempos Antigos] (Moscou, 1910-1913) e *Russkaya Istoriya v samom szhatom Ocherke* [Uma Breve História da Rússia] (Moscou, 1920-1923), foi editor de *Ocherki po Istorii Oktyabryaskoi Revolyutsii* [Ensaios sobre a História da Revolução de Outubro] (2 vols. Moscou, 1927). Teve famosa polêmica com Trotskii ao afirmar que a Rússia tivera um desenvolvimento capitalista pleno já antes da revolução, em vez do capitalismo deficiente e heterogêneo defendido por este último. Enfatizava as grandes causas estruturais (especialmente econômicas) na história em vez das personalidades dos indivíduos. Foi elogiado por Lenin a este respeito, mas tal traço, mais o fato de enfatizar o reacionarismo histórico do império russo, pode ter ajudado a causar a queda em desgraça de sua herança intelectual nas décadas de 1930 e 1940, quando o culto à personalidade de Stalin e um certo resgate do nacionalismo russo (principalmente durante a Segunda Guerra Mundial) tornou-o inconveniente ao regime. Outro historiador soviético que entraria em eclipse relativo nos anos 1930 foi S.A. Piontkovskii, que produziu uma visão menos esquemática que o

determinismo econômico de Pokrovskii em seu *Oktyabr' 1917 g.* [Outubro de 1917] (Moscou, 1927).

Mas, antes desse fechamento intelectual do regime nos anos 1930, a década de 1920 foi marcada por vívidos debates, dentro e fora do país. Podemos, assim, notar nos anos 1920 três grandes arenas de avaliações e debates históricos sobre a revolução: 1) os debates internos na URSS da NEP (Nova Política Econômica); 2) a historiografia dos emigrantes russos brancos ou mencheviques no exterior, especialmente na França e Alemanha; 3) Nos EUA e outros países ocidentais ainda predominam os escritos de caráter jornalístico, relatos de diplomatas, e polêmicas de cunho político sobre o novo regime soviético.

Dentro da Rússia, a instauração da polêmica NEP levou a grandes debates sobre a natureza da revolução. O principal deles foi entre a teoria da revolução permanente, de Trotskii, e a teoria do socialismo em um só país, de Stalin, sobre a possibilidade ou não da Rússia poder manter-se socialista, mesmo que a revolução socialista mundial não ecloda. Mas houve outros, por exemplo, entre Bukharin e Preobrazhenskii sobre como a “acumulação primitiva” de recursos para a industrialização e construção do socialismo ocorreria na URSS (o primeiro defendendo um processo gradual e cauteloso de aumento da produtividade e renda dos camponeses e sua transferência para outros setores da economia enquanto o segundo argumentava sobre a necessidade de uma transferência mais rápida, e mesmo “forçada”, de recursos financeiros da agricultura para a industrialização pesada). Pokrovskii e Trotskii também protagonizaram polêmicas sobre o caráter completo ou incompleto do capitalismo que precedeu à revolução e da força de sua burguesia nacional em relação ao capital estrangeiro. O historiador soviético S.A. Piontkovskii, produziu um relato menos partidário e menos esquemático que o determinismo econômico de Pokrovskii em seu *Oktyabr' 1917 g.* [Outubro de 1917] (Moscou, 1927).

Tão animados quanto os debates teóricos dentro da URSS da NEP, estavam as discussões dos emigrados russos no exterior, principalmente no eixo Paris-Berlim, para onde foram muitos deles. A literatura dos emigrados

russos pode ser dividida em três grupos principais: 1) socialistas (mencheviques, SRs); 2) liberais (cadetes e outros); 3) russos "brancos" (monarquistas). Os monarchistas rejeitavam todos os acontecimentos de 1917 e sonhavam com volta a uma monarquia estável e benevolente na Rússia. Os liberais e socialistas defendiam a Revolução de Fevereiro como o momento da instalação das liberdades democráticas no país, oportunidade pervertida depois pela tomada de poder exclusivista dos bolcheviques em outubro. Os socialistas se dividiam sobre a possibilidade de uma redenção da revolução bolchevique. Alguns mencheviques de esquerda, como Dan, pareciam acreditar na possibilidade de uma transformação do sistema bolchevique, principalmente depois das concessões feitas ao capitalismo com a NEP. Talvez a necessidade, pregada pelos mencheviques, de um período de maturação sob um capitalismo democrático antes de passar à etapa socialista estivesse se realizando, de maneira heterodoxa, com a NEP. Entre os trabalhos de cunho histórico da emigração russa estão *Die Geschichte der Russischen Sozial-Demokratie* de Dan e Martov (Berlin, 1926), *The Prelude to Bolchevism* (Nova York, 1919) e *La Révolution Russe de 1917* (Paris, 1928) de Kerenskii, e *Istoriya Vtoroi Revolyutsii* de Miliukov, já citado *supra*.

O caráter teórico dos debates sobre a Revolução Russa entre os próprios russos não foi refletido nos anos 1920 nos países ocidentais. Nos EUA e em outros países, aquela década foi marcada por uma continuação dos relatos de cunho jornalístico ou diplomático e de polêmicas de cunho político mais imediato. Exemplos disso seriam o diário do embaixador francês Maurice Paléologue (*An Ambassador's Memoirs*. 3 vols. Londres, 1923-25), o relato do representante norte-americano David R. Francis (*Russia from the American Embassy*. New York, 1921) e do enviado britânico Sir George Buchanan (*My mission to Rússia and Other Diplomatic Memories*. 2 vols. Boston, 1923), as reminiscências do correspondente do Manchester Guardian na Rússia Morgan Philips Price (*My Reminiscences of the Russian Revolution*. Londres, 1921), as observações simpáticas à

Revolução do jornalista independente americano Albert Rhys (*Through the Russian Revolution*. New York, 1921).

A década de 1930

A década de 1930 marcou um ponto de viragem não apenas na sociedade soviética como nos tipos de estudos aqui analisados. O fim da NEP e o início da industrialização e coletivização agrícola forçadas do stalinismo sob a égide dos planos quinquenais marcou um forte fechamento do sistema político e a perseguição de uma forma de pensamento único a partir da liderança de Stalin.

O reflexo historiográfico disso dentro da URSS foi a queda em desgraça intelectual de correntes antes disseminadas ou populares durante os anos 1920 (por exemplo, o trotskismo, a escola de Pokrovskii, etc.) e a hegemonia de uma obra criada para ser a visão oficial do bolchevismo e da revolução bolchevique: o *Kratkii Kurs* [Breve Curso], ou em seu título completo *Istoriya Vsesoyuznoi Kommunisticheskoi Partii (bol'shevikov): Kratkii Kurs* [História do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique): Breve Curso] (Moscou, 1938). Contendo sugestões diretas de Stalin, o *Kratkii Kurs* narra uma história oficial do partido bolchevique desprovida das “distorções” de Trotskii, Bukharin, Schlyapnikov e outros rivais de Stalin no partido durante a década de 1920. A pura ortodoxia stalinista narra os acontecimentos revolucionários e se tornava a visão padrão para as escolas do país desde então. Os grandes debates e divergências dos anos 1920 não teriam mais espaço nas publicações oficiais e os historiadores do país passaram a ter que atuar sob limites bem mais estreitos e definidos.

No Ocidente, ainda de forma embrionária, surgem os primeiros trabalhos intelectuais de maior monta. Três obras de cunho historiográfico pontificam nesta gestação.⁴ A maior é *The Russian Revolution, 1917-1921* (2 vols. Nova York, 1935) de William Henry Chamberlin. Ele foi correspondente do jornal americano *Christian Science Monitor* durante toda a década de 1920 e início da de 1930 e utilizou a relativa abertura da

primeira para coletar uma riqueza de material historiográfico ainda disponível na época para escrever uma história bastante isenta, tanto em relação aos preconceitos ideológicos gerais internacionais quanto a suas próprias preferências pessoais (que passaram de ligeiramente simpáticas aos soviéticos nos primeiros anos a antisoviéticas no período final). As duas outras grandes obras historiográficas dos anos 1930 no Ocidente foram *The End of the Russian Empire* (New Haven, 1931) de Michael T. Florinsky e *The Fall of the Russian Monarchy* (New York, 1939) de Bernard Pares. Florinsky era um russo emigrado que ensinava na Columbia University nos EUA e Pares um dos grandes nomes dos estudos da Rússia no Reino Unido. As duas obras são sobre o período final da monarquia russa até a eclosão da Revolução. De certa maneira, elas se complementam. Florinsky se concentrava em questões de economia e política de guerra enquanto que Pares criou uma história narrativa dos principais membros da realeza e governo russo em seus aspectos mais subjetivos e individuais.

O fato das histórias mais famosas e profundas da revolução russa até os anos 1930 (provavelmente a *História da Revolução Russa* de Trotskii e a obra de Chamberlin) não terem sido escritas por historiadores profissionais é sintomática das dificuldades (desconfiança e cuidados) que estes têm com os acontecimentos muito recentes. Isto abre espaço para as contribuições (de diversos graus de profundidade) de autores provindos de outras áreas. Na década de 1930 continuaram os escritos de jornalistas, diplomatas e meros viajantes sobre a URSS. Em uma ironia da história, apesar da imagem negativa do fechamento político do stalinismo nos anos 1930, o fato de que o Ocidente se encontrava em uma incrível depressão econômica naquela década ao mesmo tempo que a economia da URSS crescia a taxas formidáveis e parecia apontar para uma solução dos problemas de desemprego e estagnação do capitalismo coevo fazia com que nem todas as descrições da URSS no período fossem desfavoráveis. O grande símbolo desta situação estranha eram os famosos relatos do correspondente de muitos anos do New York Times em Moscou, Walter Duranty, que mostravam

diversas facetas favoráveis aos soviéticos e denotavam a ambiguidade dos tempos (ex., *Duranty Reports Rússia*. Nova York, 1934).

O Pós-guerra

A Segunda Guerra Mundial será o verdadeiro ponto de viragem que separará a pré-história da história da Revolução Russa em termos acadêmicos *stricto sensu*. Não apenas porque o espaço de duas ou três décadas propiciou um recuo histórico mínimo a partir do qual os historiadores pudessem acompanhar mais criticamente e com visão retrospectiva os acontecimentos de 1917, mas também porque os acontecimentos da guerra e principalmente a eclosão da Guerra Fria a partir de 1947 criaram um *background* que formatou o que posteriormente se consolidaria como verdadeiras escolas ou tendências na historiografia da Revolução Russa. Aqui, os desenvolvimentos historiográficos no Ocidente e na União Soviética seguiram caminhos bem diferentes e talvez seja mais fácil analisá-los separadamente para este período de lá até o momento atual. Começaremos pelo Ocidente.

A historiografia ocidental no período da Guerra Fria

A historiografia ocidental sobre a Revolução Russa nesse período pode ser dividida em dois grandes grupos: 1) os tradicionalistas ou os autores ortodoxos da Guerra Fria (os *cold warriors*); 2) os revisionistas pós-meados dos anos 1960. Vejamo-los por partes.

A eclosão da Guerra Fria em 1947 e a criação de um mundo bipolar centrado nos EUA e na União Soviética tiveram fortes consequências ideológicas que se espalharam por sobre os estudos soviéticos. Um forte anticomunismo marcou a geração dos grandes historiadores ocidentais *mainstream* dos anos 1950 e 1960. Além disso, a influente teoria do totalitarismo descrevia a União Soviética como um estado monolítico em que a sociedade atomizada era controlada por um estado policial opressor.

Esta visão negativa e repressora da URSS marcaria muitos dos estudos dessa época. Algumas das obras marcantes do período dos *cold warriors* foram: *The Origins of the Communist Autocracy* (Londres, 1955) de Leonard Schapiro; *The Decline of Imperial Rússia* (Londres, 1952) e *The Russian Empire, 1801-1917* (Oxford, 1967) de Hugh Seton-Watson; *The Unfinished Revolution* (Nova York, 1960) e *The Bolsheviks* (Nova York, 1965) de Adam Ulam; *The Fate of the Revolution: Interpretations of Soviet History* (Londres, 1967) de Walter Lacquer; *The Formation of the Soviet Union: Communism and Nationalism, 1917-1923* (Cambridge, 1954) e *Russia under the Old Regime* (Londres, 1974) de Richard Pipes; *The Soviet Deportation of Nationalities* (Londres, 1960) e *The Great Terror* (Londres, 1968) de Robert Conquest.

Algumas das características prevalentes nessa literatura eram as seguintes: uma ênfase na história política e das elites; ênfase na análise do papel de indivíduos e líderes no processo revolucionário (uma "história de cima"); apesar de vários dos autores enfatizarem fatores estruturais na história da Rússia (atraso econômico, peso do autoritarismo e absolutismo, etc.), a tomada do poder pelos bolcheviques era frequentemente vista como um acidente histórico ou um golpe por um pequeno bando de políticos marxistas sem enraizamento real na sociedade do país. Ou seja, cristalizava-se uma visão não apenas anticomunista em termos ideológicos gerais, mas também formando o reverso da análise marxista ortodoxa soviética que via a revolução bolchevique como uma resposta à luta de classes na Rússia e uma solução para os dilemas estruturais daquela sociedade. É importante notar que esta visão geral não pode ser tomada como uma receita homogênea para descrever esta escola historiográfica. Entre as obras produzidas no período da literatura que se podia chamar de *cold warrior* havia obras que apontavam para outras direções. Por exemplo, Robert Vincent Daniels, em seus livros *The Conscience of the Revolution: Communist Opposition in Soviet Rússia* (Cambridge, 1960) e *Red October: The Bolshevik Revolution of 1917* (Nova York, 1967), apontava respectivamente para a existência de correntes políticas mais libertárias dentro do próprio partido bolchevique

(ex., a *Oposição de Esquerda*) que poderia ter dado rumos mais humanistas à revolução do que os tomados pelo leninismo/stalinismo e para os elementos de contingência que cercaram a tomada de poder pelos bolcheviques (o papel da liderança de Lenin é colocado como crucial para o desenlace da Revolução). Além disso, há obras como os 14 volumes de *A History of Soviet Russia* do britânico Edward Hewlett Carr (Londres, 1950-1978) que foram concebidas no período da Guerra Fria e que fogem totalmente do padrão ortodoxo, em busca de uma história total (política, econômica e social) da Rússia revolucionária puramente a partir de fontes primárias soviéticas e sem receio de dialogar com o marxismo prevalente na escola soviética.

Interessante notar, na literatura *cold warrior*, a mistura de maneira algo contraditória, de fatores estruturais e conjunturais que parecem estar em tensão entre si. Por um lado, há uma ênfase em fatores estruturais (peso do arcaísmo, autoritarismo, absolutismo político e atraso econômico) que criariam elementos de pressão na sociedade e estado russo czaristas, mas a revolução socialista tende a ser vista como um acidente histórico, uma contingência que leva um grupo político minoritário e sem enraizamento na maioria da população (os bolcheviques) ao poder. Frequentemente a anarquia trazida pelo acidente histórico da Primeira Guerra Mundial é colocada como a causa deste desenvolvimento conjuntural esdrúxulo. Esta e outras contradições, da historiografia *cold warrior* seriam criticadas por novas correntes revisionistas que surgiram na segunda metade dos anos 1960.

O revisionismo do final dos anos 1960

A segunda metade da década de 1960, com especial destaque para o ano de 1968, seria marcada por uma grande rebeldia social nos países ocidentais. Os protestos contra a guerra do Vietnã e a oposição a diversos valores da sociedade afluyente da Guerra Fria eclodiram nos *campi* universitários e nas ruas das grandes cidades. Refletindo talvez este novo

estado de ânimo, as pesquisas históricas sobre a sociedade soviética e a Revolução Russa em particular começaram a tomar novos rumos. O que inicialmente constituía apenas uma busca de novos caminhos com o tempo foi se constituindo em um novo paradigma historiográfico que acabaria por atacar e criticar diversos princípios e posições da ortodoxia *cold warrior*.

A possibilidade de maior acesso a arquivos soviéticos por pesquisadores e estudantes estrangeiros em visita de intercâmbio ou estudo a partir dos anos 1960, levou a que vários desses futuros revisionistas notassem que a complexa realidade de 1917 que dessas análises arquivísticas emergia não parecia caber dentro dos estreitos limites da literatura da Guerra Fria. Uma busca de diferentes alternativas foi encetada em várias direções.

A principal de todas foi o aparecimento de uma *história social* da Revolução Russa. Para além da história política e da análise dos grandes líderes revolucionários, estes novos historiadores procuravam estudar as diferentes classes sociais do país para entender as grandes contradições estruturais que levaram à eclosão da Revolução. Posteriormente, uma "história de baixo" buscava entender as necessidades e anseios do povo russo a partir dele mesmo (cartas, cultura material popular, etc.) e não apenas da perspectiva dos registros históricos do estado. Em algumas destas narrativas os bolcheviques deixaram de ser apenas um bando de fanáticos marxistas que se aproveitou de circunstâncias peculiares para tomar o poder e passaram a ser vistos como um partido que, de certo modo, respondia a necessidades e anseios de parcelas significativas da população. Não seria à toa que alguns destes revisionistas mais "radicais" passariam a ser vistos como "esquerdistas" dentro do *establishment* universitário ainda dominado pelo historiadores ortodoxos da Guerra Fria. Nos anos 1970 e 1980 uma verdadeira batalha se instalaria nas universidades americanas entre os historiadores desses campos, com os revisionistas progressivamente galgando posições na hierarquia acadêmica e obtendo uma posição que se poderia considerar hegemônica ao final deste período.

Esta história social caminhou em diferentes direções. Diane Koenker, em seu *Moscow Workers and the 1917 Revolution* (Princeton, 1981), Mark

David Mandel, em sua tese de doutorado *The Development of Revolutionary Consciousness among the Industrial Workers of Petrograd between February and November 1917* (Columbia University, 1977) e William G. Rosenberg, em seu artigo *Workers Control on the Railroads and Some Suggestions Concerning Social Aspects of Labor Politics in the Russian Revolution* (Journal of Modern History, n. 49, 1977) fizeram uma história social dos operários russos. Uma história social dos soldados foi colocada por Allan K. Wildman em *The End of the Russian Imperial Army: the Old Army and the Soldier's Revolt, March-April 1917*" (Princeton, 1980). Uma história social das províncias foi exposta por Ronald Grigor Suny em *The Baku Commune, 1917-1918: Class and Nationality in the Russian Revolution* (Princeton, 1972).⁵

Sheila Fitzpatrick (em *Cultural Revolution in Rússia*, [Bloomington, 1978] e *The Russian Revolution* [Oxford, 1982]) exporia uma visão heterodoxa do destino da classe operária russa na revolução. Em vez da visão tradicional da classe operária sendo enganada por um estado pretensamente operário que na verdade era dominado pela burocracia, ela diria que houve uma "revolução cultural" que realmente elevou o nível educacional da classe operária russa por um lado e colocou vários representantes da elite operária no poder mesmo dentro do stalinismo.

Uma marcante análise dos camponeses russos foi feita por Moshe Lewin em seu *Russian Peasants and Soviet Power* (Evanston, 1968). Nele, e em seu *Lenin's Last Struggle* (Nova York, 1968), Lewin produziu um interessante amálgama entre história social e história cultural. Criticou as teses da literatura ortodoxa da guerra Fria de que a revolução bolchevique já estava desde o começo malfadada, mostrou diferentes possibilidades dentro do próprio leninismo e diferentes posições do próprio Lênin. Combateu a ideia de que o stalinismo já existiria necessariamente dentro do próprio leninismo ao mostrar que os últimos escritos de Lênin apontavam para uma direção antiburocratizante bem diferente do que seria depois o stalinismo.

Alexander Rabinowitch, em *The Bolsheviks Come to Power: the Revolution of 1917 in Petrograd* (Nova York, 1976), nuança a visão

tradicional dos bolcheviques como um partido rigidamente centralizado e mostra que suas estruturas em 1917 tinham flexibilidade suficiente para incorporar em si as necessidades, preocupações e porções consideráveis do proletariado russo comum, o que foi determinante para que conseguissem tomar e manter o poder em Outubro.

Os estudos acima mencionados de David Mandel, Diane Koenker e William Rosenberg mostraram que a classe operária russa, longe de ser um pequeno grupo com baixo preparo e agindo irracionalmente por instinto, mostrava claros sinais que detinha uma crescente consciência de classe e agia por critérios racionais respondendo a situações deteriorantes concretas. Os dados coletados por estes pesquisadores a partir de fontes primárias soviéticas inclusive delineavam quais os setores do proletariado mais bem organizados e responsivos politicamente na arena sindical (*e.g.*, os trabalhadores especializados e os de proveniência urbana, o destaque para os metalúrgicos de Vyborg, etc.) e quais os setores menos organizados (trabalhadores não-especializados, quadros de origem rural, etc.): e estes trabalhos apontaram como todos esses setores acabariam gradualmente e, por etapas, se radicalizando em uma resposta racional à piora de suas situações econômicas sob um governo provisório que se revelava incapaz de resolver as tarefas sociais urgentes do momento.

Talvez o autor que melhor sintetize as características desta nova geração de historiadores sociais venha de fora do mundo anglo-saxão: o francês Marc Ferro. Em seu *La Révolution de 1917* (2 vols. Paris, 1967), Ferro faz a crítica tanto da história determinista soviética quanto dos estudos ocidentais da Guerra Fria que, dentro de uma história política de elites e líderes, viam a Revolução de Outubro como um mero golpe de uma minoria de determinados e ferreamente disciplinados bolcheviques. Dizia que essa história apenas de cima era por demais unilateral, não explorando devidamente os fatores contributivos de baixo, das diferentes classes sociais. Dizia que deveriam ser examinados essas contribuições de baixo, de trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais, além das peculiaridades regionais e provinciais. E é ao explorar, a partir de fontes primárias russas,

este leque amplo de contribuições de diferentes classes e regiões que *La Revolution de 1917* alcança um caráter holístico que sintetiza campos pesquisados separadamente por diversos dos autores mencionados acima. Deste caráter holístico, e da tentativa de unir a "história de cima" com a "história de baixo", Ferro chega à conclusão que o papel dos bolcheviques na Revolução de Outubro não foi de um mero líder (ou manipulador) das massas em uma situação desesperada. Como Rabinowitch, Ferro desconstruía o mito da unidade centralizada férrea do partido bolchevique e mostrava como ele recebia *inputs* das instituições organizadas das diversas classes (sindicatos, sovietes, comitês de fábricas, etc.) e respondia a elas de maneira frequentemente mais simbiótica que meramente unilateral, de cima para baixo. A simbiose se dava nos planos em que ambos (partido bolchevique e estas instituições de representação direta) passavam por processos análogos de burocratização e partilhavam interesses comuns cada vez mais fortes no fim do governo provisório e do antigo estado. Esta relação simbiótica estaria no cerne da explicação para a vitória bolchevique na Revolução de Outubro.

A conclusão de Ferro, sintetiza uma *Weltanschauung* que perpassava muito da história social revisionista a partir dos anos 1960. Não foi uma suposta larga superioridade organizacional dos bolcheviques (através de centralização e disciplina férrea, etc.) ou uma "diabólica" capacidade de manipulação popular que os levou a poder liderar ou controlar as massas. Foi a crescente polarização social e a conseqüente radicalização das massas e de suas organizações representativas ao longo de 1917 que levou a um apoio, explícito ou implícito, às propostas e políticas mais radicais dos bolcheviques. Esta seria a chave para se entender o resultado de Outubro.

A historiografia pós-Muro de Berlim

Como vimos anteriormente, por volta do período do início da Perestroika soviética em meados dos anos 1980, a historiografia ocidental sobre a Revolução Russa se dividia entre a visão ortodoxa *cold warrior* e o

revisão dos novos historiadores sociais, agora com autoridade acadêmica já consolidadas neste debate. Como o furacão da Perestroika, do fim da URSS e da queda do Muro de Berlim afetou este panorama? Por analogia com outros campos historiográficos, podemos dizer que um período *pós-revisionista* se instalou, contendo internamente algumas grandes tendências gerais variadas, por vezes, divergentes entre si. Entre estas, podemos sublinhar as seguintes como especialmente importantes: 1) no bojo de um triunfalismo ocidental sobre a dissolução da URSS e queda do muro de Berlim, houve uma reafirmação de alguns princípios da historiografia da Guerra Fria; 2) um aprofundamento da história social e, por vezes, uma tentativa de síntese desta história social com a história política em nova roupagem, despida dos excessos da historiografia tradicional da Guerra Fria; 3) (aproveitando a abertura dos arquivos russos pós-soviéticos) um aumento de estudos regionais baseados em densa pesquisa arquivística; 4) o pós-modernismo e a Virada Linguística fazem suas primeiras incursões no campo da historiografia da Revolução Russa.

Vejamos essas tendências por partes.

Reafirmação de alguns autores da historiografia da Guerra Fria

De maneira algo lógica, o fim da União Soviética e a derrocada do sistema socialista do Leste europeu levaram a um triunfalismo anticomunista em vários setores no Ocidente. Historiograficamente, isto se refletiu em que alguns autores *cold warriors* se sentiram vindicados em suas interpretações da Revolução de 1917 e produziram obras reafirmando isso. Os três grandes nomes desta tendência são **Richard Pipes** (*The Russian Revolution*. Nova York, 1990; *Russia under the Bolshevik Regime, 1919-1924*. Nova York, 1993; *A Concise History of the Russian Revolution*. Nova York, 1995), **Robert Conquest** (*The Great Terror: a Reassessment*. Nova York, 1990; *Reflections on a Ravaged Century*. Nova York, 1999) e **Martin Malia** (*The Soviet Tragedy: a History of Socialism in Russia, 1917-1991*. Nova York, 1994).

Conquest reafirmou que a abertura dos antigos arquivos soviéticos classificados corroborava sua visão maximalista da extensão da tragédia soviética e das mortes causadas por ela. Seu tradicional argumento contra a cegueira dos esquerdistas ocidentais que se negavam a ver que o stalinismo era uma consequência natural do leninismo (e não sua distorção) foi aprofundada em *Reflections on a Ravaged Century*: neste ele traça a origem da atração de certos intelectuais por doutrinas totalitárias de esquerda para além de suas raízes no marxismo buscando-as em elementos do próprio racionalismo da Idade da Razão como filtrados através da Revolução Francesa e outros episódios históricos. É uma linha que tem pontos em comum com os argumentos anticomunistas de François Furet em seu *Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au XXe siècle* (Paris, 1995).

Richard Pipes e Martin Malia de certa maneira formam um contraponto entre si dentro desta linha. Richard Pipes enfatiza a tese da *continuidade* do autoritarismo na história russa: do czarismo ao período soviético. A Rússia teve um desenvolvimento diferente do Ocidente. O estado russo nunca conseguiu superar a fase do patrimonialismo: o fraco desenvolvimento do conceito de propriedade privada abria espaço para que a propriedade estatal e o poder do czar imprimissem um caráter absolutista e autoritário à sociedade russa. Com o fracasso da modernização econômica czarista do século XIX em superar estes patrimonialismo, a tentativa de intelectuais radicais entre os bolcheviques de fazerem um esforço utópico para arrancar uma Rússia camponesa despreparada de sua letargia histórica acabou desembocando em um pesadelo totalitário. Já Martin Malia, a partir de sua tradicional ênfase em história intelectual, diz que as raízes do problema das aberrações da Revolução Russa não estão em um suposto determinismo derivado da história particular da Rússia, e sim no utopismo inerente ao próprio marxismo.

Independentemente das nuances dos pontos de vista que expressam, esses autores defendem a ideia de que a derrocada da União Soviética e o fim do socialismo no Leste europeu (e a conseqüente abertura dos antigos

arquivos secretos soviéticos) confirmaram os princípios gerais que esposaram dentro do quadro da historiografia no período da Guerra Fria.

O Aprofundamento e novos rumos da História Social pós-Guerra Fria

Outro caminho foi seguido pelos revisionistas da época da Guerra Fria. Em oposição ao argumento dos tradicionalistas, afirmam que os dados provindos da abertura dos arquivos classificados soviéticos corroboram o quadro mais plural, complexo e polifônico da escola dos historiadores sociais da Revolução Russa. Vários deles continuam escrevendo dentro desta veia no período pós-Guerra Fria.

Um desenvolvimento interessante nesta seara é a tentativa de alguns autores de fazer uma síntese da história social com a história política ou agregar elementos de história política à uma narrativa de história de fundo social. Alguns destes exemplos são Orlando Figes (*A People's Tragedy: a History of the Russian Revolution*. Londres, 1996), Christopher Read (*From Tsar to Soviets: the Russian People and their Revolution*. Londres, 1996), Rex A. Wade (*The Russian Revolution, 1917*. Cambridge, 2000), Steve A. Smith (*The Russian Revolution: a very Short Introduction*. Oxford, 2002). Interessantes novos *insights*, tanto políticos quanto sociais, emergiram desta tentativa de síntese, por exemplo, a atenção que Rex Wade chama para o fato de que muitas vezes os blocos políticos (de esquerda, direita, centro-direita, etc.) eram mais importantes como unidades de observação e relevância do que os partidos individualmente colocados. Em *A People's Tragedy*, o britânico Orlando Figes realiza o gigantesco esforço de escrever uma "história de baixo" (através do exame de uma multidão de cartas e outros documentos e materiais diretos do povo russo) ao mesmo tempo que uma "história de cima" (através do exame de um grande número de documentos primários e arquivísticos tradicionais estatais e de diversas organizações sociais). Afirma procurar um meio termo entre a antiga história política mais consequente e a história social mais recente, utilizando elementos de ambas e procurando expurgar seus excessos. Apesar de um veredito negativo sobre

o papel dos líderes bolcheviques (em especial de Lenin), diz que a tragédia do povo russo, em última análise, estava nele mesmo. A dificuldade de se chegar a uma revolução (ou evolução) realmente democrática na Rússia se deveu a um acúmulo de autoritarismos através dos tempos: "Séculos de servidão e subserviência formataram um caráter político popular que deixou o povo russo mal preparado para a democracia (...) para se tornar seu próprio mestre" (p. 432 e 808).

O boom dos estudos regionais

Uma das consequências da abertura dos arquivos na Rússia foi um alargamento do foco dos grandes centros e capitais para as províncias, já que nos tempos soviéticos o acesso para estrangeiros aos arquivos fora das capitais era mais restrito ainda. Um verdadeiro *boom* de estudos de regiões específicas tem aumentado nosso entendimento do funcionamento da sociedade soviética em regiões mais rurais e afastadas. Segundo Sarah Badcock,⁶ os precursores desta "Virada Regional" foram os trabalhos sobre a região do Volga de Donald J. Raleigh (*Revolution on the Volga: 1917 in Saratov*. Nova York, 1986) e Orlando Figes (*Peasant Russia, Civil War: The Volga Countryside in Revolution*. Oxford, 1989). A partir daí uma série de autores "destrincharam" a Rússia das províncias, analisando detalhadamente partes bem específicas dela no período revolucionário: Michael C. Hickey (*Urban Zemliachestva and Rural Revolution: Petrograd and the Smolensk Countryside in 1917*. Soviet and Post-Soviet Review, n. 23, 1996, p. 142-160) sobre Smolensk; Peter Holquist (*Making War, Forging Revolution: Russia's Continuum of Crises, 1914-1921*. Cambridge, 2002) sobre a região do Don; Sarah Badcock (*Politics and the People in Revolutionary Russia: a Provincial History*. Cambridge, 2007) sobre Nizhnii Novgorod e Kazan, entre muitos outros.

A principal consequência (e benefício) destes estudos regionais tem sido o alargamento da compreensão de como a vida social e a política se

mesclavam nos ambientes mais provinciais, rurais ou periféricos e como a população local comum se inseria neste espaço de jogo de poder.

A Virada Linguística do pós-modernismo e sua influência nos estudos da Revolução Russa

Com um certo atraso em relações a outras áreas da própria história, os desafios epistemológicos colocados pelo pós-modernismo, em especial a chamada virada linguística, estão chegando também aos estudos da Revolução Russa. A derrocada da URSS e os processos relacionados à queda do Muro de Berlim impulsionaram este processo que começa a influenciar a maneira como os eventos e processos de 1917 estão sendo vistos e estudados. Apesar de nenhum paradigma consolidado pós-moderno ter emergido nesta área, uma série de autores têm olhado com outros olhos para as antigas certezas e caráter objetivo de conceitos utilizados pelas escolas anteriores, desde a tradicionalista da Guerra Fria até a história social revisionista.

Um resultado concreto deste desafio pós-moderno tem sido o crescente número de estudos que enfatizam questões de cultura e linguagem como meio de se estudar as realidades sociais e políticas do período revolucionário. Exemplos disso seriam as obras *Interpreting the Russian Revolution: the Language and Symbols of 1917* (New Haven, 1999) de Orlando Figes e Boris Kolonitskii, *Voices of Revolution, 1917* (New Haven, 2001) e *Proletarian Imagination: Self, Modernity and the Sacred in Russia, 1910-1925* (Ithaca, 2002) de Mark D. Steinberg.

Antes de discutirmos esta tendência historiográfica específica, devemos salientar o caráter seminal da obra de Orlando Figes, que participou como precursor ou iniciador de três destas quatro tendências historiográficas pós-Guerra Fria. Se notarmos acima, seu *Peasant Russia, Civil War: The Volga Countryside in Revolution* foi o pioneiro da "virada regional", *A People's Tragedy* foi um marco da tentativa de síntese de história social com a nova história política e este *Interpreting the Russian Revolution* é um

marco na ênfase de estudos de linguagem da Revolução. Por isso este autor pode ser considerado o símbolo desta nova era pós-revisionista atual.

Interpreting the Russian Revolution aponta como a linguagem formatava a maneira das pessoas verem e sentirem o mundo revolucionário de 1917 e como a linguagem também era formatada por aqueles acontecimentos. Essa observação inicial é muito importante, pois Figes, apesar de ser informado pelas preocupações culturais e linguísticas pós-modernas, não é um pós-moderno *stricto sensu*: mantém bem separadas a noção de "linguagem" e a noção de "vida". Como ele mesmo colocou em uma resenha que fez do livro análogo de Mark D. Steinberg, *Proletarian Imagination*: "texto é texto e vida é vida. Os textos (...) podem nos dizer como o 'eu' é imaginado, mas não como ele é vivido".⁷ É nesta fronteira que *Interpreting the Russian Revolution* atua. Examina a linguagem e os símbolos através dos quais eram expressos os acontecimentos revolucionários. Ao mesmo tempo, analisa como esta linguagem formatava a maneira como eram vistos e comunicados aqueles acontecimentos, estabelecendo, assim, contextos que limitavam, estimulavam, transmitiam, distorciam e qualificavam os atores e acontecimentos sociais e políticos com que o povo se defrontava em seu dia a dia. São analisados os diversos sentidos e mutações dos conceitos de classe, democracia e cidadania em diferentes contextos (urbanos, rurais). Detecta-se o aparecimento e apropriação de termos como "burguês", "inimigo do povo", e dos símbolos para sacralização e dessacralização de diversos personagens (o czar, Kerenskii, Lenin) e assim por diante.

Um esforço semelhante, mas mais próximo das preocupações pós-modernas (com a linguagem em si) que o modelo de Figes, são os dois livros de Mark D. Steinberg acima citados. Nelas, a tentativa de dar voz direta ao povo anônimo através de suas cartas, obras artísticas, objetos simbólicos, etc. (principalmente em *Voices of Revolution*, que contém vários documentos deste tipo na íntegra e se limita a ser um grande comentário informado sobre eles e seu contexto) faz o autor se concentrar no estudo da linguagem como

seu foco de atenção principal. Em Steinberg, ainda mais que em Figes, a mensagem é o meio (no sentido trocadilhado de contexto).

É importante notar que apesar de ainda não termos um grande obra pós-moderna *stricto sensu* sobre a Revolução Russa, a influência das preocupações pós-modernas, e da virada linguística em especial, tem informado um número cada vez mais significativo de autores e é certamente um dos grandes motores no *boom* de livros explorando a linguagem e os símbolos que cercaram aqueles eventos históricos. Interessante observar também as diferentes reações de historiógrafos da Revolução Russa a este desafio pós-moderno, que vão desde curiosidade e ativo interesse (como em Suny e Smith) até temor e mesmo ojeriza (vide Acton).⁸

E na própria Rússia?

Nas páginas anteriores, traçamos um amplo panorama das principais tendências da historiografia da Revolução Russa no Ocidente desde 1945. E na própria Rússia, quais foram os desenvolvimentos historiográficos neste mesmo período?

Por questões de espaço neste artigo, utilizaremos uma versão simplificada das tipologias e classificações historiográficas elaboradas por Zemtsov e Kolonitskii, citados *supra*. Descreveremos sumariamente pelo menos algumas das principais tendências, obras e autores que se destacaram nas duas grandes ondas de reforma no período da União Soviética pós-Segunda Guerra: o *degelo* khrushchevano e a perestroika soviética com o fim da URSS.

Como vimos anteriormente, os animados debates da década de 1920 foram substituídos por uma visão stalinista hegemônica e monocromática nos anos 1930 e até a Segunda Guerra Mundial (simbolizada na versão dos acontecimentos revolucionários exposta no *Kratkii Kurs*). Após a Segunda Guerra Mundial, a morte de Stalin em 1953 e o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956 (quando Khrushchev atacou o culto à personalidade de Stalin) marcaram o início do chamado *degelo*, uma época

de abrandamento dos cerceamentos e repressão na esfera da cultura. Este degelo teve limites (que o diga o escritor Solzhenitsin, publicado sob Khrushchev enquanto escrevia contra os horrores do stalinismo e colocado em ostracismo quando suas obras expandiram suas críticas para o sistema socialista como um todo). Mas, mesmo com estes limites, um ar fresco penetrou no sistema e ocasionalmente interpretações interessantes, que iam além da versão canônica oficial, deram o ar de sua graça em forma de publicações legalmente sancionadas.

O precursor do degelo foi E.N. (Eduard Nikolaevich) Burdzhhalov com seu artigo *O Tatike Bolshevnikov v Marte-Aprele 1917 g.* [Sobre a Tática dos Bolcheviques em Março-Abril de 1917] (*Voprosy Istorii*, n. 4, 1956), uma visão mais realista e complexa (menos romantizada) da atuação do partido bolchevique naquele período. Burdzhhalov chegou a sugerir que a Revolução de Fevereiro tinha sido um evento algo caótico e espontâneo a partir das condições sociais deterioradas, no qual os bolcheviques, assim como outros partidos, mais acompanhavam a corrente de radicalização dos acontecimentos do que a influenciavam ou lideravam. As posições heterodoxas de Burdzhhalov fariam com que ele, ainda naquele ano, perdesse seu posto no conselho editorial da revista *Voprosy Istorii*, mostrando os limites do degelo khrushchevano. Mas, mesmo dentro desses limites, uma historiografia mais nuançada que a que vigorava desde os anos 1930 teve a possibilidade de vir a luz nos anos 1960 e 1970. O próprio Burdzhhalov publicaria sua versão da revolução de Fevereiro em forma de livro em 1967 (*Vtoraya Russkaya Revolyutsiya: Vosstanie v Petrograde* [A Segunda Revolução Russa: Levante em Petrogrado]. Moscou, 1967).

Alguns dos trabalhos mais inovativos dessa época foram realizados por um grupo de historiadores que recebeu coletivamente o epíteto de "Escola de Leningrado" (Yurii S. Tokarev, Oleg N. Znamenskii, Vitalii I. Startsev, Gennadii L. Sobolev, Khanan M. Astrakhan). Yurii Tokarev examinou percepções populares do conceito de justiça na época revolucionária em *Narodnoe Pravitvorchestvo Nakanune Velikoi Oktiabr'yaskoi Sotsialiticheskoi Revolyutsii, mart-oktiabr' 1917 g.* [Justiça

Popular às Vésperas da Grande Revolução Socialista de Outubro, março-outubro de 1917] (Moscou, 1965). Gennadii Sobolev trabalhou na interface entre psicologia e história ao analisar a questão da consciência política durante o período revolucionário em *Revolyutsionnoe Soznanie Rabochkh i Soldat Petrograda v 1917g.* [Consciência Revolucionária de Trabalhadores e Soldados de Petrogrado em 1917] (Leningrado, 1973).

Vários outros autores (*e.g.*, Viktor I. Miller, Genrikh Z. Ioffe, Natal'ia G. Dumova, etc.) seguiram esta linha mais arejada da historiografia soviética pós-degelo khrushchevano anos 1960 e 1970 adentro. A contribuição principal deste soviético "revisionismo dentro dos limites do sistema" talvez tenha sido criar uma historiografia de 1917 menos centrada nos bolcheviques e mais aberta ao estudo dos outros partidos políticos e das organizações dos trabalhadores, camponeses ou soldados em si mesmas.

Burdzhalov, em suas obras já citadas, representa a ala mais extrema desta versão "arejada" dentro dos limites da historiografia oficialmente aceita na URSS pós-desestalinização. Isac I. Mints talvez seja o historiador soviético que represente o "centro" nesta questão. Isto porque ele (que havia participado como um membro secundário do corpo de redatores do *Kratkii Kurs* na década de 1930), nos anos pós-Stalin, juntamente com outros sob a coordenação de V.N. Ponomarev, ajudou a redigir a *Istoriya Kommunisticheskoi Partii Sovetskogo Soyuza* [História do Partido Comunista da União Soviética], o novo manual oficial da história do partido, criado para substituir o famigerado *Kratkii Kurs*. Além disso, escreveu o livro *Istoriya Velikogo Oktyabrya* [História da Grande Revolução de Outubro] (3 vols. Moscou, 1967-1972), a versão de Mints para os acontecimentos de 1917, que propiciou ao seu autor o prêmio Lenin e se tornou uma espécie de obra de referência da historiografia *mainstream* da época.

A Perestroika e o Fim da URSS: a historiografia russa pós-soviética

A perestroika representou um furacão. Em um curto período de sete anos, a União Soviética deixou de existir. Tendo vivido este processo *in*

loco,⁹ testemunhei a confusão e a rapidez com que não apenas as antigas instituições materiais, mas também as ideias e conceitos em voga sofreram mutações radicais. Analogamente a uma divisão de fases da perestroika de acordo com os desenvolvimentos da economia política proposta por mim anteriormente,¹⁰ podemos chamar a atenção para alguns pontos de viragem dentro deste processo. O principal deles talvez seja o seguinte. No processo *mainstream* de discussões dentro do sistema soviético, a perestroika começou como um ataque renovado ao stalinismo, com o papel positivo de Lenin e do leninismo sendo, de maneira geral, inviolável até finais de 1987. Depois da fase de transição e de intensos debates de 1988, um aprofundamento do processo de liberalização política e econômica levou à fase que chamei de "economia de mercado" em 1989 e início de 1990, onde o regime oficialmente se mantinha socialista (era uma economia de mercado *socialista*), com a propriedade social predominando e sem utilizar a palavra capitalismo, mas extra-oficialmente a sociedade já continha grupos que ultrapassavam este limite e propunham soluções fora deste quadro. Foi a partir daí que algumas críticas deixaram de ser apenas a Stalin e passaram a atingir o próprio Lenin (introdução das versões que dizem que o stalinismo já se encontrava, em germe, no autoritarismo do leninismo). Na fase seguinte, de decomposição do sistema e restauração capitalista na segunda metade de 1990 e em 1991, o próximo passo seria a crítica ao regime socialista como um todo: a Revolução de Outubro passava a ser execrada em diversos círculos, com o resgate de projetos alternativos social-democráticos, monarquistas, etc. Esta passagem da crítica do stalinismo à crítica do próprio leninismo foi a pedra de toque do desmanche do mito do Grande Outubro na URSS. O próprio país não sobreviveria muito tempo depois desta "morte" de seu mito fundador.

Este furacão da perestroika passou tão rápido que não deu tempo de surgir nenhuma grande obra historiográfica sobre a Revolução de 1917 em si neste período. E no período pós-soviético?

Se fizemos uma crítica severa, realmente até hoje ainda não apareceu, na Rússia, nenhuma obra historiográfica sobre a Revolução de 1917 que

instalasse um novo paradigma ou rumos absolutamente inéditos. Não apenas o fim da URSS levou (como no Ocidente) a uma queda sensível no número de livros e teses acadêmicas sobre o assunto (em comparação com os tempos da Guerra Fria), como a grande novidade para os russos desde a perestroika, que foi a descoberta e utilização por eles de diversos modelos historiográficos ocidentais antes proibidos, levou também a trabalhos que, conquanto interessantes do ponto de vista de aumento da pluralidade metodológica, não contêm em si potencialidades seminais de instauração de novos caminhos ou paradigmas inéditos.

Entretanto, se abandonarmos este (talvez utopicamente) alto nível de exigência, constatamos que desde a perestroika, interessantes estudos têm sido realizados em relação ao período revolucionário. Entre as principais tendências ou direções historiográficas pós-soviéticas, podemos destacar as seguintes: 1) resgate ou absorção de conceitos e métodos ocidentais antes proibidos na URSS (em especial teorias do totalitarismo, modernização de fundo weberiano e história cultural); 2) fortalecimento da história regional; 3) a Virada Linguística e outros experimentos.

Em processo análogo ao Ocidente, a derrocada da URSS trouxe o resgate do conceito de **totalitarismo** da Guerra Fria. Autores como Mikhail Kapustin e Leonid Batkin passaram a utilizá-lo em referência ao regime soviético. Interessante notar que o próprio Gorbachev passou a utilizar o termo *totalitária* para descrever a URSS em seu livro *On My Country and the World* (Nova York, 2000, p. 15).

Com o declínio do prestígio do marxismo, **as teorias de modernização, principalmente as de fundo weberiano**, receberam grande impulso. Por exemplo, V.I. Korotaev, em 1998, no ensaio *Revolutsiya 1917 g.: avantura ili zakonomernost'?* [A Revolução de 1917: aventura ou regularidade?] e A.N. Zorikov, em 1997, no ensaio *Kriminal'naya Obstonovka kak Rezul'tat i Faktor Sotsial'noi Mobil'nosti v Rossii v Nachale XX v.* [A Situação Criminal como Resultado e Fator na Mobilidade Social da Rússia no Início do Século XX] consideravam que as raízes da situação revolucionária estavam numa modernização econômica

excessivamente rápida no país não acompanhada das mudanças correspondentes nas mentalidades das diferentes classes sociais. Yurii Kir'yanov, em 1997, no ensaio *Mentalitet Rabochikh Rossii na Rubezhe XIX-XX vv.* [A Mentalidade dos Trabalhadores da Rússia na Virada dos séculos XIX e XX] diz que este tipo de modernização rápida, desacompanhada das condições e adaptações necessárias, levou à disseminação de atitudes antiburguesas e uma disposição contra os homens de negócios no país.¹¹

Uma série de **estudos regionais** tem enriquecido o conhecimento das condições materiais e culturais nas províncias na época da Revolução. Igor' Narskii descreveu o dia a dia da região Ural durante o período da Guerra Civil em *Zhizn v Katastrofe: budni naseleniya Urala v 1917-1922 gg.* [Vida na Catástrofe: o cotidiano da população nos Urais em 1917-1922] (Moscou, 2001). Sergei Yarov estudou a atuação política dos camponeses do noroeste da Rússia em *Krest'yanin kak Politik: Krest'ianstvo Severo-Zapada Rossii v 1918-1919 gg.* [O Camponês como Político: o campesinato do noroeste da Rússia em 1918-1919] (São Petersburgo, 1999). Vladimir Shishkin examinou a resistência popular aos bolcheviques na Sibéria em *Sibirskaya Vandeiya* [A Vandéia Siberiana] (Moscou, 2000).

Finalmente, a **Virada Linguística** e o pós-modernismo estão fazendo seu aparecimento embrionário na verve de algumas obras historiográficas russas sobre a Revolução. Aqui o grande nome é Boris Kolonitskii com *Simvoly Vlasti i Bor'ba za Vlast': K Izucheniyu Politicheskoi Kul'tury Rossiiskoi Revolyutsii 1917 g.* [Símbolos de Poder e Luta pelo Poder: um estudo da cultura política da Revolução Russa de 1917] (São Petersburgo, 2001), além de sua obra publicada no Ocidente em colaboração com Orlando Figes, já mencionada acima, *Interpreting the Russian Revolution.*

À guisa de conclusão

O estudo da Revolução Russa passou por muitas mutações e adquiriu novas formas ao longo do tempo. Talvez o que mais sobressaia desta nossa

resenha panorâmica sobre algumas das principais tendências historiográficas ocidentais e russas relacionadas ao tema seja a extrema dificuldade de estudar um processo tão candente e influente sobre o mundo com "objetividade". Mesmo passado o partidatismo das primeiras décadas, em que muitos dos escritores eram ex-participantes do processo, com um interesse velado na questão, nas décadas seguintes, tanto da Guerra Fria, como do Pós-Guerra Fria, as principais posições e tendências historiográficas refletiam o contexto da situação em que foram escritas. Isso vale para os escritores soviéticos, para os autores ocidentais *cold warriors*, para os revisionistas dos "rebeldes" anos 1960, e os que escrevem neste mundo pós-Guerra Fria e Pós-União Soviética. Significaria isso que a objetividade nos estudos históricos da Revolução Russa é impossível? Deveríamos, "pós-modernamente" abandonar qualquer tentativa de nos elevarmos acima do nível de nossas meras subjetividades? Ou a solução seria buscar uma objetividade "possível" exatamente na soma e interação democrática (diálogo) dessas diversas subjetividades entre si?

NOTAS

* Doutor em História e Professor de História Contemporânea da UDSP. E-mail: angelosegrillo@yahoo.com

** O presente artigo deriva das notas que preparei para a Conferência de Encerramento da XVII Semana de História da UNESP, em 21/08/2008, intitulada *Revolução Russa: antigas e novas abordagens*.

¹ ZEMTSOV, B.N. "Istororiografiya Revolyutsii 1917 g." [Historiografia da Revolução de 1917]. *Mezhdunaronyi Istoricheskii zhurnal*, Moscou, n. 2, 1999. Disponível em:

http://history.machaon.ru/all/number_02/istoriog/nomer2/index.html;

ACTON, Edward. "The Revolution and its Historians". In: *Critical Companion to the Russian Revolution*. Bloomington, Indiana University Press, 1997, p. 3-34; SUNY, Ronald Grigor. "Reading Russia and the Soviet Union in the Twentieth Century". In: *The Cambridge History of Russia*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006, v. III, p. 5-64; KOLONITSKII, Boris. "Russian Historiography of the 1917 Revolution: New Challenges to Old Paradigms?". *History and Memory*, v.21, n. 2, outono/inverno 2009, p.34-59.

- ² FERNANDES, Luis. "Leituras do Leste" (partes I, II e III). *Boletim de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, ANPOCS, 1994-1997.
- ³ KARPOVICH, Michael. "The Revolution of 1917". *The Journal of Modern History*, v. 2, n. 2,, junho 1930, p. 258-260.
- ⁴ Para a descrição dos autores nos anos 1930, ver WARTH, Robert D. "On the Historiography of the Russian Revolution", *Slavic Review*, v. 26, n. 2 junho 1967, p.274-264.
- ⁵ Para a descrição destes autores ver SUNY, Ronald Grigor "Toward a Social History of the October Revolution". *The American Historical Review*, v. 88, n. 1, fev. 1983, p. 31-52.
- ⁶ BADCOCK, Sarah. "The Russian Revolution: Broadening understandings of 1917". *History Compass*, v. 6, n. 1, 2008, p. 243-262.
- ⁷ FIGES, Orlando. "Review: Proletarian Imagination". *Slavic Review*, v.63, n.3, outono 2004, p. 654.
- ⁸ SUNY, Ronald Grigor. "Revision and Retreat in the Historiography of 1917: Social History and Its Critics". *Russian Review*, v. 53, n. 2, abril 1994, p. 165-182.; SMITH, Steve. "Writing the History of the Russian Revolution after the Fall of Communism". *Europe-Asia Studies*, v. 46, n. 4, 1994, p. 563-578.; ACTON, *op. cit.*
- ⁹ SEGRILLO, Angelo. *Um Brasileiro na Perestroika*. Niterói, Serthel, 1992.
- ¹⁰ SEGRILLO, Angelo. "As Diferentes Fases da Perestroika Soviética do Ponto de Vista Histórico e da Economia Política". *Fronteiras*, v. 5, n. 10, jul.-dez. 2001, p. 99-120; também em SEGRILLO, Angelo. *O Fim da URSS e a Nova Rússia*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- ¹¹ Para a descrição dos ensaios de Korotaev, Zorikov e Kir'yanov, ver ZEMTSOV, *op. cit.*